

O risco Mantega

115

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O mercado financeiro deu ontem uma trégua ao governo, mas o "risco Mantega" continuou a perturbar as mesas de operações dos bancos. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), que havia caído 2,5% na terça-feira, recuperou quase todas as perdas, fechando o dia com valorização de 2,21%, nos 37.491 pontos. O dólar, porém, continuou a refletir a insegurança quanto aos rumos que o novo ministro da Fazenda, Guido Mantega, dará à política econômica. A moeda americana computou o terceiro dia seguido de alta, cotada a R\$ 2,214 para venda — mais 0,23%. "Os investidores se mostraram um pouco mais tranquilos, mas nada que garanta calmaria nos próximos dias. A qualquer momento o estresse pode voltar a dominar as operações", disse Gustavo Barbeito, analista da Prosper Corretora, ressaltando que, na Bolsa de Mercadorias e de Futuros (BM&F), as taxas de juros recuaram. Nos contratos com vencimento em janeiro de 2007, os mais negociados, a taxa baixou de 15,12% para 15,06% ao ano.

São muitas as dúvidas dos investidores em relação ao futuro da economia brasileira. Mas nada concentra tanto as atenções quanto a política fiscal. Segundo o economista Nuno Câmara, do Dresdner Bank, nota-se uma

Agliberto Lima/Ag. Estado/22.11.05



NA BOLSA DE MERCADORIAS E DE FUTUROS, A TAXA DE JUROS CAIU DE 15,12% PARA 15,06% AO ANO

preocupação que há muito tempo não se via no mercado, principalmente entre os estrangeiros, com o compromisso do governo de manter o superávit primário (receitas menos despesas, sem levar em conta os gastos com juros) em 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB). Câmara contou que passou todo o dia de ontem conversando com grandes investidores que têm aplicações no Brasil. Ficou espantando com a ansiedade deles em esmiuçar os dados fiscais do país. Dois fatores contribuíram para isso: os discursos de Mantega favoráveis ao

aumento de gastos do governo e a redução de 50% do superávit acumulado nos dois primeiros meses do ano em relação a 2005.

Desconfiança

Os investidores também não se mostraram muito convencidos com o discurso do governo de que o Banco Central ficará vinculado diretamente ao presidente Lula e não mais ao Ministério da Fazenda. Essa seria uma forma de evitar trombadas entre o presidente do BC, Henrique Meirelles, e Mantega, que não morrem de amores um pelo outro e que já ba-

teram boca publicamente por causa do aperto da política monetária. "Na primeira desavença que houver entre os dois, o nervosismo será grande no mercado", assinalou Barbeito. Para não pagar o preço das turbulências que se desenham pela frente, o Deutsche Bank, em um relatório assinado pelos economistas Rogério Oliveira, Piero Ghezzi e Gustavo Canonero, recomendou a seus clientes que reduzam ao máximo as suas aplicações de curto prazo em ativos brasileiros. "Neste momento, somos contrários a investimentos em real", escreveram.

OS TEMORES

Apesar do comportamento mais moderado dos investidores, nada garante que houve uma absorção do nome de Guido Mantega no Ministério da Fazenda. Há muitas dúvidas rondando os bancos

Ajuste fiscal

Os investidores, sobretudo os estrangeiros, passaram a acompanhar com lupa os números das contas públicas. A preocupação é de que o novo ministro da Fazenda amplie os gastos a ponto de o governo não conseguir cumprir a meta de superávit primário de 4,25%. O sinal de alerta veio com a queda à metade do superávit nos dois primeiros meses do ano frente a 2005.

Política de juros

Por mais que o presidente Lula tenha se esforçado para proteger o Banco Central de possíveis interferências de Mantega, não se sabe até quando isso vai durar. Se o ministro da Fazenda insistir publicamente que há espaço para uma queda mais acentuada dos juros, pode minar a credibilidade do BC no combate à inflação e incentivar uma onda de remarcação de preços.

Eleições

Na avaliação dos investidores, com Mantega na Fazenda, o presidente Lula pode se sentir estimulado a adotar medidas populistas caso comece a cair nas pesquisas de intenção de votos. Como o novo ministro não tem peso político para enfrentar o PT, os caciques do partido poderiam fazer a cabeça de Lula convencendo-o de que esse é o único caminho para garantir a reeleição.

Cenário externo

As incertezas sobre o rumo da economia, especialmente em um eventual segundo mandato de Lula a partir de 2007, podem ser dimensionadas pela aversão dos investidores ao risco, diante do aumento maior dos juros nos Estados Unidos, no Japão e na Europa, regiões consideradas mais seguras para se investir.